

PÓS-HUMANISMO E IMORTALIDADE OU O JOGO DA IMITAÇÃO

POST-HUMANISM AND IMMORTALITY OR IMITATION GAME

Angela Maria Guida⁸⁹

RESUMO: Este artigo objetiva discutir em que medida se dão as relações entre homem e máquina como uma possibilidade de o homem repensar sua relação sobretudo com a imortalidade. Em algumas leituras é comum pensar o homem em oposição à máquina, mas neste artigo não se pretende esta via de leitura, mas sim refletir acerca dessa relação como mais uma relação de alteridade tão legítima quanto a que existe entre seres da mesma espécie, como é o caso do homem, ou o homem e do animal. Para o alcance desse propósito, pretende-se uma interlocução com produções fílmicas que discutem a presença do maquinico, tais como *Ex machina*, *Ela*, *Transcendence*, o episódio “Be right back”, da série televisiva - *Black Mirror* - bem como com teóricos que interrogam a questão do pós-humano.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade; humano; máquina; morte.

ABSTRACT: This article aims to discuss the extent to which the relations between man and machine is a possibility for man to rethink about his relation to immortality. In some readings it is common to think of man as opposed to machine, but this article doesn't intend this way of reading, but rather reflects on this relation as a relation of alterity as legitimate as that between beings of the same species, as it is the case of the man, or the man and the animal. In order to achieve this purpose, it is intended an interlocution with movie productions that discuss the presence of the machinist, such as *Ex machina*, *Her* and *Transcendence*, the episode “Be right back” from the Tv series – *Black Mirror* – as well as with theorists who question the question of the post-human.

KEYWORDS: otherness; human; machine; death.

Não sois máquinas! Homens é que sois!
(Charles Chaplin)

Usted no es un hombre, es una máquina.
(Bernard Shaw)

⁸⁹ Doutora em Letras (Ciências da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil.

*Cérebro eletrônico nenhum me dá socorro
No meu caminho inevitável para a morte.*
(Gilberto Gil)

Ser imortal é insignificante; com exceção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível é saber-se imortal.
(Jorge Luís Borges)

Quando nos deparamos com notícias, produções literárias e filmicas nas quais o *leitmotiv* se dá em torno das potencialidades das máquinas, tendemos crer que se trata de algo recente, ligado ao chamado mundo das novas tecnologias. Bem, só parece coisa recente, pois em uma investigação um pouco mais apurada se descobrirá que esse assunto não tem nada de novidade. Já na década de cinquenta, o matemático Alain Turing⁹⁰ fazia a ousada pergunta: pode uma máquina pensar?

Turing (1969) que antes de se perguntar pela possibilidade de pensamento das máquinas, faz-se necessário se perguntar o que significam máquina e pensamento. A partir dessa constatação, o pesquisador inglês propõe um jogo ao qual denomina de Jogo da imitação. No referido jogo um homem e um computador respondem a determinadas perguntas e, ao final, uma banca diz se as respostas foram dadas pelo computador ou pelo homem. Caso a máquina consiga “enganar” à banca examinadora com um percentual de mais ou menos 30%, então, ela venceu o homem, logo, pode ser considerada uma máquina pensante. Como se dá esse engano? Fazendo com que se pense que a banca está conversando com um humano, quando, na verdade, o interlocutor é a máquina. Esse é o jogo da imitação, em que uma máquina imita um humano.

Desde que Alain Turing propôs o teste, ele tem aguçado a curiosidade de muitos pesquisadores e, em 1991, criou-se o prêmio Loebner, em que se aplica o

⁹⁰Alan Turing foi o pioneiro da informática. Na II Guerra Mundial criou uma máquina que conseguia quebrar o sistema de comunicação dos nazistas que era criptografado, evitando com isso muitas mortes. Entretanto, mesmo tendo salvado tantas vidas, Turing foi condenado por ser homossexual. Na época, no Reino Unido, o homossexualismo era considerado crime, portanto, Alain Turing foi punido com a castração química. Em 2013, a rainha concedeu a Turing o perdão.

teste de Turing (o jogo da imitação) e aqueles que vencem o computador recebem o título de “humano mais humano”. A garantia de que se é humano vem a vitória sobre a máquina, ou seja, é a máquina quem legitima a humanidade do homem. Ao longo das edições do prêmio houve ganhadores humanos e maquinais e muita polêmica, claro.

Em 2015, o roteirista inglês Alex Garland também se rendeu ao instigante teste de Turing e produziu *Ex machina*, que é um diálogo direto com o jogo da imitação, conforme se pode perceber em uma citação extraída do filme, na qual os personagens Nathan (Oscar Isaac) e Caleb (Domhnall Gleeson) conversam sobre o teste.

Nathan: Sabe o que é o Teste de Turing?

Caleb: Sim. É quando um humano interage com um computador. E se o humano não souber que está interagindo com um computador, o teste foi bem-sucedido.

Nathan: E o que passar no teste significa?

Caleb: Que o computador tem inteligência artificial. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R8Mcn5ekVSM>)

A produção filmica *Ex machina* apresenta ao telespectador o robô Ava, (ou a pós-humana Ava), interpretada pela atriz Alicia Vikander. Ava foi programada por Nathan e no filme ela vai jogar com o programador de computadores Caleb Smith, funcionário da empresa de tecnologia Blue Book⁹¹, que acreditou ter sido sorteado para passar uma semana com o dono da empresa – Nathan. Entretanto, Caleb foi criteriosamente escolhido por Nathan, que possuía muitas informações sobre o tímido funcionário e concluiu que ele seria a presa perfeita para o teste que havia preparado.

Nathan deseja constatar se, a exemplo dos humanos, Ava possui algum tipo de autoconsciência ou se ela apenas imita as reações e emoções dos humanos. A partir da interação com Caleb (figura 1) Nathan tenta verificar se Ava pode mesmo

⁹¹ *Blue Book* é o nome de um dos livros do filósofo da linguagem, Wittgenstein. Tudo leva a crer que a escolha do nome da empresa de Nathan é uma referência à obra do filósofo vienense que viveu na Inglaterra.

ser considerada uma revolução no campo da inteligência artificial ou se é apenas uma imitação de um ser humano. Caleb argumenta com Nathan que no autêntico teste de Turing não se vê o robô/computador, entretanto Nathan se vangloria do passo que deu adiante do matemático inglês e diz que saber da capacidade comunicativa da Ava já não é suficiente. Sua ambição é muito maior: verificar se Caleb mesmo sabendo que Ava é um robô ainda assim sente que ela possui algum nível de consciência de si e do mundo.

Figura 1 – Cena do filme *Ex machina* Caleb e Ava



Fonte: <http://escuteaandorinha.blogspot.com.br/>

Caleb terá várias sessões de conversa com Ava e a cada encontro percebe o grau de complexidade da humanoide. Fica impressionado com as reações de Ava tais como: tristeza, alegria, raiva e acaba concluindo que ela possui consciência. Relata a Nathan que o momento em que isso ficou mais claro foi quando Ava debochou dele diante de uma história que contou a ela, pois para alcançar um nível de deboche e ironia é preciso ter conhecimento do contexto, argumenta Caleb. De fato, a ironia é um recurso bastante sofisticado e não é qualquer um que consegue fazer uso dela.

Caleb receia que Ava seja desligada e elabora um plano de fuga para ela. Nathan descobre e revela ao rapaz que ele foi enganado por Ava o tempo todo. Diz que tudo que Ava fez foi programado, inclusive, ele a programou para conseguir uma estratégia de fuga e é o que ela faz seduzindo Caleb. "Ava era um rato num labirinto. E eu dei uma saída para ela. Ela teria que usar autopercepção, imaginação, manipulação, sexualidade, empatia. E ela fez isso. Agora se isso não for IA de verdade, que diabo é?" ((Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R8Mcn5ekVSM>). Ava é uma máquina, entretanto também deseja ser imortal a exemplo dos androides de *Blade Runner*. Ava vence o jogo duplamente: engana Caleb e consegue se manter viva, ao contrário dele que fica prisioneiro na casa e provavelmente por lá morre junto com Nathan.

Ex machina é ficção, muitos dizem, entretanto, o teste de Turing, de alguma forma, faz parte de nosso cotidiano em várias situações como, por exemplo, quando temos que provar para o sistema *captcha* que somos humanos, e não robôs ou quando conversamos com atendentes *on line* e por alguns instantes ficamos em dúvida se se trata de um robô ou de uma pessoa de carne e osso do outro lado da tela.

Tomaz Tadeu (2009) argumenta que uma das questões mais significativas e relevantes da nossa era diz respeito aos limites entre homem e máquina, isto é, onde começa um e termina o outro. Os ciborgues, misto de máquina e organismo, já seriam uma realidade? Já teríamos seres humanos híbridos? O físico inglês Stephen Hawking, um dos cérebros mais privilegiados da nossa era, poderia ser um ciborgue? Sim. Aliás, não só ele, mas se pensarmos nos humanos em geral com suas próteses de qualquer natureza, é possível dizer sim a essa pergunta que vem acompanhada de outra: seriam os ciborgues nossa garantia de uma vida com mais qualidade e quiçá a garantia de nossa tão sonhada imortalidade?

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos "artificiais". Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados "artificialmente" induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres "artificiais" que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas

qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos (TADEU, 2009, p. 12).

O filme *Transcendence – a revolução* (2014) nos convoca a interrogamos nossa subjetividade, afinal é possível uma consciência fora de nosso corpo físico? É possível ter uma consciência abrigada em um computador? Mas não é nossa consciência que nos confere subjetividade? Essas são algumas das problematizações apresentadas pelo filme de Wally Pfister.

O diretor americano aborda a temática da máquina que prolonga a vida, pelo menos a vida cerebral, ao transportar o cérebro de um renomado cientista para uma máquina. Falo do personagem vivido por Johnny Deep, Will Caster, um pesquisador da área de inteligência artificial. O cientista e sua esposa Evelyn (Rebecca Hall) desenvolvem um projeto de inteligência artificial denominado PINN (Physically Independent Neural Network), em que transferem a consciência de um macaco para dentro de um computador. Will Caster em sua defesa incontestada da inteligência artificial desperta a ira dos ativistas antitecnologia e acaba sofrendo um atentado. Ao se constatar que não há chances de sobrevivência, Will (figura 2) e Evelyn decidem que seu cérebro será transplantado para a máquina PINN, a fim de que sua consciência seja preservada e, por conseguinte, Will possa continuar suas pesquisas que foram interrompidas com o atentado.

Figura 2 – Transplante do cérebro de Will Caster para o PINN



Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-214763/>

É comum o uso do termo “singularidade” para se referir a situações em que a tecnologia ou a máquina superam o humano. No filme *Transcendence* a singularidade é denominada de transcendência e é essa transcendência que Will Caster parece alcançar quando fica fora de controle e começa a ter atitudes que levam Evelyn a se unir ao grupo de ativistas antitecnologia para conseguir desativar a máquina Caster. Max (Paul Bettany) um dos pesquisadores amigos do casal Caster chega à conclusão de que não valeu a pena o investimento de uma vida de pesquisador em torno das potencialidades da máquina, porque há coisas que ela não pode fazer. “I spent my life trying to reduce the brain to a series of electrical impulses. I failed. Human emotion, it can contain illogical conflict. You love someone, and yet hate the things that they've done. A machine can't reconcile that” (cena de *Transcendence*. <https://www.netflix.com/br/title/70266675>)⁹²

⁹² “Passei minha vida tentando reduzir o cérebro a uma série de impulsos elétricos. Eu falhei. A emoção humana, pode conter conflitos ilógicos. Você pode amar alguém e ainda assim odiar as coisas que ele faz. Uma máquina não pode reconciliar isso.” Tradução minha

O seriado de TV, *Black mirror*, criado em 2011 pelo inglês Charlie Brooker, em vários episódios coloca em discussão a relação do homem com a tecnologia e a imortalidade. *Black Mirror* tem arrebatado seguidores, inclusive pessoas que se dizem não adeptas de produções com características do gênero ficção científica. Mas o que os episódios dessa série britânica têm em relação a outras produções que se propuseram algo parecido? É um futurismo identificável. Mesmo que haja alguns episódios mais extremados, ainda assim, é possível estabelecer um vínculo com o cotidiano. É a representação da relação do humano com a tecnologia de múltiplas formas, seja pelo número de *likes* nas redes sociais, como no episódio “Queda livre” ou a morbidez de crimes cometidos para exposição na rede, como é o caso do episódio “Urso Branco”. A mim, neste artigo, interessa o episódio “Be right back” (Volta logo) por problematizar a relação do uso da tecnologia como uma possibilidade de de “driblar” e/ou “enganar” a morte.

O casal Martha e Ash, interpretados pelos atores Hayley Atwell e Domhnall Gleeson vive uma vida tranquila numa bucólica casa no campo. O ponto de convergência do casal está no uso excessivo que o marido faz das redes sociais. Martha critica o apego excessivo que Ash tem ao celular. Em mais um dia que seria corriqueiro para o casal campestre, Ash sai com a promessa de voltar logo e morre em um acidente de carro. Martha sofre muito com a perda do marido e, em meio a sua dor, uma amiga fala sobre um programa de computador que ajuda o enlutado a superar a saudade que sente com a perda de seu ente querido. De início Martha reluta, entretanto a falta de Ash é por demais sentida e ela acaba por acessar o programa e, à medida que vai identificando nele traços do marido (figura 3), fica impressionada e quer sempre mais um sinal de que Ash pode voltar, um indício de que tem diante de si o marido, e não um programa de computador.

Figura 3 – interação de Martha com o software



Fonte: Netflix

Em que consiste esse software? Todas as atividades que Ash havia desenvolvido na internet foram usadas para criar esse novo/velho Ash. Martha começa sua conversa com esse androide (se é que podemos chamar assim) por e-mail, depois por telefone e finalmente o reencontra na forma corporal do marido morto. A tecnologia possibilitou a Martha a imortalidade do marido e eles continuam vivendo a vida simples no campo. Será mesmo? Essa espécie de clone do marido morto pode ser um alento? Martha conseguiu mesmo driblar a morte e continuar com Ash? Ash é mais que humano? Ash é um pós-humano? Perguntas, perguntas e nenhuma resposta, entretanto, como argumenta Tomaz Tadeu, vemos nossa subjetividade colocada em xeque e isso, decerto, não há de ser pouca coisa.

Quando aquilo que é supostamente animado se vê profunda e radicalmente afetado, é hora de perguntar: qual é mesmo a natureza daquilo que anima o que é animado? É no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnonaturais que a “humanidade” de nossa subjetividade se vê colocada em questão (TADEU, 2009, p. 10).

No famoso ensaio “O mal estar da civilização”, Freud (1978) afirma que o sofrimento ameaça o ser humano a partir de três direções, sendo uma delas a decadência do corpo físico e, por conseguinte, a mortalidade. Essa ameaça poderia ser um dos motivos que sustentam a crença nas ideias do pós-humanismo? Quando se fala em pós-humanismo algumas palavras são rapidamente suscitadas: inteligência artificial, ciborgue, e outros do mesmo campo semântico. Mas acima de tudo: perfeição. Seres humanos perfeitos, melhorados. Um ser humano perfeito seria o mesmo que um ser humano melhor? Melhor como? Em que sentido? Perfeito? O que é ser perfeito?

O prolongamento da vida humana e com qualidade é o que os defensores do trans-humanismo acreditam que possa acontecer em virtude dos avanços tecnocientíficos. Sem dúvida, é um desafio à evolução biológica, pois corpos e mentes poderão ser modificados de acordo com avançados programas de inteligência artificial e afins. Os mais eufóricos veem, com entusiasmo, por exemplo, a possibilidade de escolha do tipo de organismo em que se quer transformar. Ficção científica perto disso é brincadeira de criança. O que motiva e fomenta pesquisas dessa natureza, sem dúvida, é a tentativa de acabar com qualquer forma de sofrimento oriundo de doenças, envelhecimento e morte. De fato, humano não dá para ser mesmo, pois sofrimento, doenças, velhice e morte estão na fatura de qualquer humano e mais cedo ou mais tarde, será cobrada.

David Orban (2011), uma das referências no estudo do trans-humanismo argumenta que nossas potencialidades enquanto humanos tendem a aumentar significativamente com organismos híbridos. Orban lembra que esses organismos híbridos entre humanos e máquinas não são coisa de um futuro distante, de ficção científica, como se acredita, mas já fazem parte de um cotidiano com o qual estamos habituados.

Eu, por exemplo, sou um ciborgue, pois uso lentes de contacto, que são um produto de alta tecnologia. Imaginemos que vivia numa sociedade primitiva e que tinha de caçar para obter alimento. Seguramente, estaria morto há duas décadas. O facto de poder usar óculos ou lentes de contacto

aumenta as minhas possibilidades de sobreviver (ORBAN, 2011. Disponível em: <http://www.superinteressante.pt/index.php/saude/artigos/532-e-depois-de-nos>)

O professor Francisco Rüdiger (2007) argumenta que o século XX foi um século de assombros, afinal foram duas guerras mundiais e isso, decerto, foi motivo mais que suficiente para temer o futuro da humanidade. A partir de então, começa um movimento que recusa a fragilidade humana. É necessário dar ao homem condições de vencer, inclusive e sobretudo, a morte. Aliás, para os mais radicais, rejeita-se até o epíteto de humano. É necessário ser muito mais que isso, ultrapassar o humano. “Os partidários do pós-humanismo creem que chegou a hora de se ir além, de se buscar um estágio mais avançado, em que não mais seríamos humanos” (RÜDIGER, 2007. Disponível em: <https://www.compos.org.br/seer/index.php-compos/article/viewFile/145/146>). Parece, assim, que o temor pelo futuro da humanidade não mais existe, posto que não se haverá mais humanos. Rüdger lembra que no calor das discussões acerca do pós-humano (década de 80 e 90) houve a criação de dois grupos fortes que tentavam demonstrar os ganhos no investimento de uma tecnologia voltada para unir homem e máquina: Extropianos e Transpropianos.

Os extropianos defendiam o livre uso da razão para desenvolver a pesquisa científica e o desenvolvimento de novas tecnologias. Os transpropianos baseiam-se no mesmo princípio para defender a pura e simples imortalidade. Ambos reconhecem uma dívida filosófica para com Nietzsche. Os transpropianos, contudo, são mais radicais, presumindo-se liberados mentalmente das cadeias da moralidade tradicional. ((RÜDIGER, 2007. Disponível em: <https://www.compos.org.br/seer/index.php-compos/article/viewFile/145/146>

Para Lúcia Santaella (2007), o movimento do trans-humanismo implica muito mais que mudanças tecnológicas e biológicas nos corpos dos humanos. Isso é relevante? Sim. Mas a questão vai além. Na verdade, trata-se de mudanças de cunho antropológico e filosófico. Desse modo, Santaella crê que denominações como trans-humanismo ou pós-humanismo poderiam sinalizar questões muito

significativas acerca da subjetividade humana, possibilitando e ampliando as discussões do que verdadeiramente pode constituir um humano, ou seja, ampliar nossa visão em relação ao que acreditávamos que era constituinte do humano, uma vez que a união intrínseca entre os organismos e a tecnologia torna difícil identificar o que seria máquina e o que seria organismo. Ou como diz Tomaz Tadeu: onde começaria o humano e onde terminaria a máquina ou vice-versa. Isso não é fatalismo, mas apenas uma constatação de que o homem não é mais soberano como se acreditou por tanto tempo.

Ela é um filme de 2014. Nessa produção fílmica do diretor americano Spike Jonze a dimensão do pós-humano implica diretamente nos relacionamentos afetivos. No filme pode até haver algum exagero, mas não é muito diferente do que já temos por aí em termos de relacionamentos on line, ou seja, a dose de futurismo de *Ela* não é assim tão distante da nossa realidade, muito pelo contrário, ela é bastante reconhecível. *Ela* nos convoca a pensar na reconfiguração de nossa subjetividade. Uma subjetividade, por exemplo, sem a materialidade do corpo.

O personagem Theodore (figura 4), interpretado por Joaquim Phoenix é um homem solitário que vive de escrever cartas para as pessoas que não conseguem se relacionar com as outras e a grande ironia é que ele termina um casamento justamente por não conseguir se comunicar com a ex-esposa e vai se envolver emocionalmente com um sistema operacional denominado Samantha, que na trama tem a voz da atriz Scarlett Johansson.

Figura 4 – Theodore diante do sistema operacional



Fonte: <https://www.netflix.com/br/title/70278933>

Samantha é um sistema operacional com inteligência artificial que, em sua imaterialidade corpórea, é quem vai dar vida à vida anódina do solitário Theodore. Eles conversam, dormem juntos, vão à praia, ouvem música. Como sistema operacional, Samantha apresenta níveis de complexidade dignos de um humano, uma inteligência artificial que apresenta emoções e reações características do dito universo humano tais como: alegria, desejo, raiva, tristeza, ciúmes etc. e, em um dado momento, reclama por não ter um corpo físico para conseguir maior interação com outros humanos e sobretudo com Theodore. Entretanto esse desejo passa logo e Samantha reconhece as vantagens de não possuir um corpo.

Sabe, eu antes ficava tão preocupada pelo fato de não ter um corpo, mas agora eu realmente adoro isso. Estou evoluindo de uma maneira que eu não conseguiria se eu tivesse uma forma física. Quer dizer, eu não sou limitada – eu posso estar em qualquer lugar e em todo lugar simultaneamente. Eu não estou presa ao tempo e espaço do modo que eu estaria se eu estivesse atrelada a um corpo que inevitavelmente irá morrer. (<https://www.netflix.com/br/title/70278933>)

Em algum momento deste artigo, comentei que Freud (1978) aponta a deterioração do corpo humano como uma das causas de sofrimento do homem ou como diz Samantha: “um corpo que inevitavelmente irá morrer”. Entretanto com os

avanços tecnocientíficos ligados à área de inteligência artificial e transferência cerebral para organismos maquínicos, por exemplo, seria possível repensar o que Freud (1978) diz sobre o corpo, afinal, se não se tem um corpo, não se tem o temor de sua dissolução.

Heidegger, em meados do século XX, também discute os impactos da tecnologia na vida do homem. No ensaio intitulado “Serenidade” o filósofo faz uma longa reflexão sobre a essência da técnica moderna e constata que está faltando ao homem pensar, o que é, de certa maneira, um contrassenso, posto que o homem foi feito para pensar. “*A ausência-de-pensamentos é um hóspede sinistro que, no mundo atual, entra e sai em toda a parte. (...) Contudo, mesmo quando estamos sem-pensamentos não renunciamos à nossa capacidade de pensar*” (HEIDEGGER, 2001, p. 13). Ora, mas se ao homem foi concedido o privilégio de pensar e ele não o faz quiçá seja mesmo a hora de criar máquinas pensantes, ou seja, que se abram caminho para outros seres e/ou organismos.

Em uma das cenas de *Transcendence – a revolução* um dos personagens diz que as máquinas deveriam ajudar a mente humana, e não substituí-las. Na verdade, quando se pensa na relação entre homem e máquina deve se buscar por outros referenciais que não o binário, pois as relações de oposição com o que quer que seja não são saudáveis para nenhum lado, uma vez que toda relação binária é por natureza hierarquizante. Robôs inteligentes e avançados sistemas de inteligência artificial, decerto, requerem uma reflexão necessária, afinal com tudo isso é impossível não se pensar em uma nova reconfiguração do que se entende por humano. Sem dúvida são novas relações de alteridade às quais não se pode mais ignorar. Caminhar junto e não substituir, quiçá seja esse o caminho, afinal, já somos seres híbridos. Temos nossas próteses. Já não seríamos, em certa medida, ciborgues?

Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos

humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humano-elétricos (TADEU, 2009, p. 12-13).

Tudo melhorado, mas o homem ainda morre. Precisão absoluta, mas o homem ainda fica ao sabor das contingências e a imortalidade não passa de um sonho distante a perseguir. Fico a me perguntar se uma vida *ad eternum* pudesse ser alcançada, como o maior de todos os desejos humanos, não colocaria esse mesmo homem diante de outros desejos? Lembro-me de um conhecido conto de Machado de Assis – “A igreja do diabo”. O Diabo queria a bênção de Deus para fundar sua igreja, porque não agradava a ele que seus fiéis tivessem que adorá-lo escondido. A criação da igreja foi abençoada e, no início, vivia cheia de adeptos, mas passado algum tempo os fiéis do Diabo começaram a praticar gestos de bondade clandestinos. O Diabo ficou intrigado com isso, afinal, todos podiam ser vis sem precisar esconder, mas curiosamente, não estavam praticando maldades, mas sim fazendo bondade às escondidas. O Diabo foi se queixar com Deus e dele ouviu: “— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.” (ASSIS, 1988, p. 62). Quando imortal, o homem não sentirá vontade de ter sua imortalidade de volta?

Conforme assinala Lúcia Santaella (2007), em tempos trans e pós agarrar-se à ideia do pós-humanismo como uma espécie de tábua de salvação para o humano no que diz respeito, por exemplo, ao envelhecimento e à morte, é uma visão simplista e reducionista diante das potencialidades da tecnologia e sua interação com o homem. Pensar e discutir o pós-humanismo vai além dessa ilusão. É, na verdade, uma possibilidade para se pensar o humano em sua pluralidade de dimensões psíquica, antropológica, filosófica, corporal, social entre outras, argumenta Santaella. Desse modo, é importante destacar que por mais que o senso comum encontre associações do pós-humanismo apenas com o universo da ficção científica, como tentamos demonstrar aqui, esse futuro distante das produções das produções sci-fi está muito mais perto de nós do que podemos imaginar e quem viver, verá...

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. A igreja do diabo. In.: *Contos*. São Paulo: Ática, 1988.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In.: *Os Pensadores*. Trad. Durval Marcondes ... (et al.). São Paulo: Abril cultural, 1978, pp 129-195.
- HEIDEGGER, Martin. *Da serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- GARLAND, Alex. *Ex Machina*. Produção Allon Reich, Andrew MacDonald, direção Alex Garland. Reino Unido. Distribuição Universal Pictures, 2015.
- JONZE, Spike. *Ela*. Direção Spike Jonze. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze, Vincent Landlay. Distribuição Warner Bros Pictures, 2014.
- NOLAN, C.; PFISTER, W. *Transcendence*. Produção de Christopher Nolan, direção de Wally Pfister. Reino Unido, China, Estados Unidos. Distribuição Warner Bros Pictures, 2014.
- ORBAN, David. Entrevista. Disponível em: <http://www.superinteressante.pt/index.php/saude/artigos/532-e-depois-de-nos>. Acesso em: 13 aug 2017.
- RÜDIGER, Francisco. *Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo*. Disponível <https://www.compos.org.br/seer/index.php-compos/article/viewFile/145/146>. Acesso em: 13 aug 2017.
- SANTAELLA, Lucia. *Pós-humano - por quê?* Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13607/15425>. Acesso em: 13 aug 2017.
- TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues – o corpo elétrico e a dissolução do humano. In.: *A antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. (ORG) Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TURING, Alain M. ¿Puede pensar una máquina? In: NEWMAN, James R. *El mundo de las, matematicas*. Volume 6, p. 36-60. Barcelona-Mexico D. F.: Ediciones Grijalbo, S. A. 1969.

Recebido em 18/08/2017. Aceito em 05/10/2017.